

Incompreensível, indesculpável e sem sentido

A despeito da política não-intervencionista de Bush na AL, a guerra fez os EUA mais impopulares do que nunca na região

Jorge Castañeda*

A relação sempre complexa entre América Latina e Estados Unidos encontra-se num estado mais contraditório e enigmático hoje do que já esteve em muitos anos. A razão é simples: seu nome é Iraque.

Isso pode parecer surpreendente, visto que, com um par de exceções, nenhuma nação do hemisfério esteve envolvida diretamente, de uma forma ou outra, na desastrosa aventura do presidente George W. Bush iniciada há cinco anos.

O paradoxo, contudo, é realmente fácil de explicar. Por um lado, a região está tendo hoje um desempenho melhor do que teve em muitas décadas. Nos últimos quatro anos, seu crescimento econômico tem sido constante, e continua sendo; e ainda que a recessão nos Estados Unidos - ou como quer que os especialistas decidam chamá-la - sem dúvida afetará a América Latina, seu impacto será menos radical que em outras ocasiões.

NENHUMA DAS EXPLICAÇÕES PARA A INVASÃO SOU CORRETA

A democracia representativa continua se afirmando na região e, apesar de tentações autoritárias em vários países, o respeito pelos direitos humanos também está se expandindo, a despeito de incidentes inaceitáveis, mas esporádicos, aqui e ali.

Com algumas exceções significativas, os vínculos bilaterais entre os governos latino-americanos e Washington são construtivos e cordiais; as exceções são, é claro, Venezuela, Bolívia, Argentina e, em menor grau, Equador e Nicarágua. Sendo assim, como se explica o fato de que incontáveis pesquisas de opinião revelam sentimentos antiamericanos mais intensos que em sondagens realizadas nos anos 1950? E por que há mais manifestações, colunas editoriais e debates parlamentares crescentemente orientados contra os EUA do que em qualquer outra época de memória recente?

Afirmar que isso não é antiamericano, mas simplesmen-



QUARTA, 19 DE MARÇO

Iraque: cinco anos de guerra

●●● A invasão ao Iraque completa seu quinto ano, sob protestos que levam à prisão mais de 160 americanos. Em discurso, Bush classifica a guerra como "grande vitória" e "sucesso inegável". Segundo pesquisa, dois terços dos americanos discordam do presidente.

te repúdio a George Bush, seria perder de vista o essencial: a administração Bush, seja qual for seu envolvimento no fracassado golpe de Estado contra o presidente venezuelano Hugo Chávez, é o primeiro governo dos EUA que se absteve de uma intervenção direta nos assuntos hemisféricos.

O presidente Bill Clinton ordenou o desembarque de tropas no Haiti (por boas razões, é preciso que se diga); o presidente Ronald Reagan invadiu Granada e financiou os "contras" na Nicarágua; o presidente John F. Kennedy ordenou a operação militar da Baía dos Porcos em Cuba; o presidente Lyndon B. Johnson ocupou a República Dominicana; e o presidente Richard M. Nixon interferiu descarada e tragicamente no Chile governado pelo presidente Salvador Allende, eleito democraticamente. Só os presidentes Gerald Ford e Jimmy Carter respeitaram de fato a desgastada, mas sagrada, doutrina latino-americana de não-intervenção.

De fato, Bush e os EUA são imensamente impopulares na maior parte do hemisfério em razão da guerra no Iraque - uma guerra que ainda está longe de ser resolvida e registrou seu quinto aniversário neste mês. Ela é simplesmente incompreensível, indesculpável e sem sentido aos olhos da vasta maioria dos estadistas, povos, empresários, intelectuais e diplomatas da América Latina.

Nenhuma das explicações

para ela souu correta, e todas as razões se mostraram falsas. Não houve armas de destruição em massa nem nenhuma evidência de presença terrorista da Al-Qaeda; a democracia não prosperou no Iraque; mais pessoas continuam morrendo, por uma razão ou outra, que as que morriam durante o regime do brutal líder do país Saddam Hussein; e o Oriente Médio não está mais perto de uma paz duradoura. Está, aliás, mais violento e instável do que antes.

A guerra contra o terrorismo, se é que algum dia foi uma causa e não um pretexto para a invasão em 2003, está tão estagnada como esteve antes da ocupação americana.

Se somarmos a essa hipocrisia as cenas de Abu Ghraib, Bagdá, a força e Hollywood, não é de estranhar que a América Latina sinta como sente, enquanto seu bem fundado repúdio é avivado por Chávez, os Castros e gente parecida. O raciocínio segundo o qual as nações e os povos do hemisfério não deveriam

RESTAURAR A ESTATURA PERDIDA ESTÁ LONGE DE SER QUESTÃO SIMPLES

se alterar por um assunto que, sejam quais forem seus méritos e deméritos intrínsecos, está totalmente distante da vida cotidiana dos habitantes da região, é correto, mas ocioso.

No mundo tal como ele é hoje, as paixões e envolvimentos em assuntos muito distantes são coisa de todo dia, e é assim que deve ser. E é por essa razão que restaurar a estatura, o prestígio e a popularidade dos EUA nos corações e nas mentes das massas da América Latina está longe de ser uma questão simples.

Poderia ser necessário inclusivo que se elegesse um presidente dos Estados Unidos que se considerasse... latino-americano. ●

*Jorge Castañeda é professor de estudos latino-americanos na Universidade de Nova York. É autor, entre outros, de *Che Guevara: A Vida em Vermelho* (Companhia das Letras)

MANDEL NGAN/AF



HOMEM-BOMBA - Em Washington, os protestos marcaram o quinto aniversário da invasão ao Iraque